



Editorial

Apresentação: O Frankenstein dos Institutos Federais (ou os sentidos da integração)

O romance Frankenstein, de Mary Shelley, não é apenas o retrato da culpa de um gênio atormentado por sua criação. Trata-se do impulso do humano em direção à superação de si mesmo. A criatura em teste somos nós mesmos e cada geração experimenta o seu quinhão de experimentação, formação de ideias e personalidade. Quando o protagonista Victor Frankenstein decide abandonar a sua criatura e destruir o seu experimento científico, não sabemos quem é quem: Frankenstein é criador e criatura. Depois de Hollywood, o Frankenstein se transformou, para nós, em uma geringonça de músculos, pele e órgãos de variadas origens que se unem como os retalhos de um crochê esverdeado, um autômato cujas baterias se carregam numa tomada elétrica. Restou apenas a criatura.

Seja como for, a criatura ainda porta a imagem de seu criador. Em sua capacidade de produzir vida os sujeitos a produzem conforme os projetos de sociedade em disputa e as concepções de mundo em conflito. Nesse sentido, a criatura fragmentada é resultado de modos de vida igualmente fragmentados. O gênio de Mary Shelley nos coloca diante de espelhos das mais diversas espessuras e matizes, tamanhos e formas, que retorcem a realidade em fractalidades. Ora, essa estrutura fragmentada é inerente ao modo de produção capitalista, cujas desigualdades fundamentais ninguém está em condição de alterar, porque o ser humano se abrevia a um segmento de mercado. Trata-se de uma distopia que exprime, de maneira não ficcional, mas alegórica, o devir do mundo moderno industrializado.

A escola – e não o laboratório – torna-se, na modernidade, o local onde as mentalidades são formatadas e os corpos são adestrados. A *escola unitária e politécnica* de Gramsci é uma grande utopia na medida em que pretende superar o dualismo estrutural da educação (formação técnica e destinada a corpos de pessoas pobres versus formação científica e intelectual destinada à elite diretiva) com elementos que permitissem ao ser humano ter o controle de seu destino, ou melhor, da criação coletiva das próprias vidas. O referente distópico oposto à utopia gramsciana é o próprio Frankenstein e a suposta fusão entre ciência e técnica, exploração e trabalho, criador e criação.

De quantas desigualdades que propalam do capitalismo, a desigualdade educacional é a mais pungente porque nos obriga à descrença. Há aqui, certamente, uma prerrogativa ideológica, porque a descrença em novas formas de criação de subjetividades e de sociabilidades sustenta o feixe totalitário do neoliberalismo. Ao mesmo tempo, a escola toma parte desse sistema de produção de subjetividades dobrado pela competitividade e rentabilidade. A *educação integral e desmercantilizada*, assim como a escola de Gramsci, é uma utopia para a qual se insularam projetos políticos-pedagógicos marginalizados no último século, como a escola anarquista de Francisco Ferrer, a escola construtivista de Maria Montessori e as diversas experiências de



resistência agrupadas sob a alcunha de “escola democrática”. Os fundamentos teóricos da Rede Federal de Educação pretendem libertá-la do insulamento e da desintegração experimentados por aqueles movimentos pedagógicos, como se quisessem restaurar ao Frankenstein fragmentado e reprodutor o seu caráter unitário e criativo.

Marise Ramos descreve três sentidos de integração para a educação técnica de nível médio: como formação humana omnilateral, em que se integram as dimensões fundamentais da vida: a ciência, a cultura e o trabalho; como superação da dualidade entre o ensino médio e a educação profissional, em que não se dissociam os objetivos formativos técnicos e humanísticos; e como relação curricular entre conteúdos gerais e específicos, em que se integram as práticas disciplinares e as vivências pessoais e coletivas.¹

Certamente há outros sentidos de integração necessários, como a organizacional, que incide tanto sobre a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão quanto sobre a hierarquia institucional, por exemplo, a aproximação entre os setores de ensino e assistência estudantil. Há também o desafio da integração entre a escola e a comunidade e seus arranjos produtivos, bem como a integração entre as concepções teórico-formativas dos profissionais da Rede Federal, em sua maioria composta por acadêmicos docentes, e os princípios marxistas da educação técnica e profissionalizante. Em conjunto, a utopia de escola técnica profissionalizante permite identificar as impossibilidades de se conferir organicidade a tantas partes em desintegração.

A imagem de um Frankenstein monstruoso, porém, assombrará por quantas vezes forem necessárias, porque (somente) a educação integrada ao trabalho, humanizada e universalizada não é a solução nem o problema central, qual seja, o modo de produção capitalista, sobre o qual impõe resistência o Mestrado Profissional em Educação Profissional em Rede Nacional (ProfEPT).

O escopo dessa edição foi nas aplicações e na avaliação dos Produtos Educacionais desenvolvidos no ProfEPT das instituições associadas. O Produto Educacional é um objeto de aprendizagem (por exemplo, material didático/instrucional, curso de formação profissional, tecnologia social, software/aplicativo, evento organizado, relatório técnico, produto de comunicação e manual/protocolo), que visa a melhoria dos processos educativos e do ensino nos espaços formais e não formais da educação.

O ProfEPT é um mestrado profissional em rede nacional na área de ensino reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes-MEC). Desde sua criação, em 2016, o programa tem desenvolvido formação continuada em nível de mestrado e

¹ RAMOS, Marise. Concepção do ensino médio integrado. 2008. Disponível em http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrado5.pdf Acesso em 20 abr. 2022.



produção científica, contribuindo com a comunidade acadêmica com a produção, desenvolvimento e disseminação do conhecimento, dentro de uma interface entre Trabalho, Ciência, Cultura e Tecnologia. Em diálogo, proporcionam a construção de conhecimento e inovação tecnológica por meio da elaboração de materiais técnico-científicos e Produtos Educacionais.

Todos os artigos da edição especial apresentam reflexões científicas acerca da aplicação e a avaliação dos Produtos Educacionais do ProfEPT. Certamente, esses trabalhos adensam a massa crítica sobre os desafios e possibilidades desse recurso estratégico de aprendizagem.

Em **Apresentando a Cartilha “Educação empreendedora integral e politécnica: uma possibilidade no contexto da Educação Profissional e Tecnológica”**, Edson Quaresma e Normelena Diniz de Oliveira apresentam um Produto Educacional que pretende desenvolver competências empreendedoras com vistas a uma formação integral do educando. Trata-se de uma proposta inovadora à abordagem comum de empreendedorismo como uma ideologia do mercado e do capital.

O artigo **Êxito: Guia para otimização da rotina de estudos a distância**, assinado por Maria Coelho e Roberta Pereira Matos, apresenta os resultados da dissertação sobre a evasão, a permanência e o êxito em cursos técnicos de nível médio, ofertados a distância no Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) polo Curvelo. A partir desses resultados, as pesquisadoras apresentam um guia para que os estudantes possam organizar e otimizar o seu processo de ensino e aprendizagem e a sua rotina de estudos, de modo a contribuir com a permanência e o êxito estudantis.

O tema da permanência estudantil também é tratado em **Relatório de pesquisa: reconhecer para permanecer**, de autoria de Karine Rodrigues Alvarez e Roberta Pereira Matos. Resultado das informações coletadas em um estudo de caso sobre os fatores da evasão em cursos técnicos integrados ao ensino médio do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ribeirão das Neves, o Produto Educacional proposto tem o objetivo de subsidiar as instituições de ensino em relação às suas políticas de assistência estudantil.

Lidinei Santos Costa e Caio Bruno Wetterich propõem, em **Ensino dinâmico possível: guia didático de gamificação como ferramenta de orientação docente**, uma forma de dinamizar o ensino por meio da gamificação. Foram realizadas atividades como jogos de labirinto, *quizzes* em plataformas digitais, durante a disciplina Eletrônica Digital, do curso técnico concomitante/subsequente em Eletroeletrônica. Discentes e docentes avaliaram o Produto Educacional de maneira positiva, com relevância para o caráter de replicabilidade do guia didático para outras disciplinas.

No artigo **As contribuições de uma sequência didática interdisciplinar aplicada aos alunos do 2º ano de um curso técnico integrado ao ensino médio**, Aleksandre Saraiva Dantas e João Hermínio Bandeira Filho, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, apresentam uma sequência didática interdisciplinar com o objetivo de estimular atitudes e conhecimentos relacionados à preservação do meio ambiente a partir do contexto de degradação de um riacho localizado próximo à comunidade.



André Marcos de Sousa Nunes e Caio Bruno Wetterich, autores do artigo **Aplicação e avaliação coletiva de relatório técnico: acesso e evasão no ensino médio integrado**, retomam o importante desafio da evasão educacional e apresentam, em formato de vídeo, aos servidores do IFNMG-Campus Araçuaí, diferentes indicadores de acesso e de evasão, contendo variáveis categóricas compostas por grupos distintos de estudantes do ensino médio integrado. Um dos resultados mais relevantes indica que jovens do sexo masculino, cotistas e alunos não contemplados com auxílio financeiro apresentam maior probabilidade de evadir da escola.

Encerra a edição especial uma entrevista com o professor Dr. Rony Claudio de Oliveira Freitas, coordenador nacional do ProfEPT no período entre 2016 a 2019. Na entrevista concedida aos professores Admilson Eustáquio Prates, Alex Lara Martins e Bergston Luan Santos, o entrevistado trouxe a memória da implementação e da estruturação do programa de mestrado, apresentando elementos para compreendermos os desafios do programa em rede, considerando, inclusive, o contexto político atual. O foco da entrevista incidiu sobre os Produtos Educacionais resultantes das dissertações do mestrado, suas bases teórico-metodológicas, junto aos arranjos produtivos locais e à diversidade das formações dos docentes que atuam no curso e orientam os trabalhos.

Em **A feira livre de Jordânia/MG: agricultores, produtos e transporte**, Eduardo Charles Barbosa Ayres, Valquíria Vieira de Oliveira e Vanessa Fonseca Ayres dão continuidade à exposição de resultados de sua pesquisa sobre as feiras livres e a comercialização de alimentos e produtos em mercados coletivos do Vale do Jequitinhonha/MG. Desta vez, os pesquisadores analisam as condições de transporte e comercialização dos produtos pelo agricultor na feira livre de Jordânia/MG.

O último artigo dessa edição, intitulado **Narrativas pessoais: manifestação e ressignificação identitária durante a pandemia da covid-19**, escrito por Rosilene dos Anjos Sant'Ana, Ana Freire, Giulya Reis e Bruno Ferraz, trata das ressignificações e oscilações identitárias durante o período da pandemia, por meio da análise das marcas subjetivas em relatos de alunos do IFNMG-Campus Teófilo Otoni e da comunidade externa. Percebe-se, em alguns desses relatos, certa fratura existencial das identidades pessoais provocada pelo isolamento social necessário em contextos pandêmicos. Essa reflexão vem a calhar, pois estávamos a dizer, no início dessa Apresentação, que as dinâmicas de poder vinculadas a interesses econômicos neoliberais atravessam o *ethos* formativo dos sujeitos cindidos e fragmentados.

A organização dessa edição especial ficou sob a responsabilidade da comissão de produção acadêmica e intelectual do ProfEPT (IFNMG), composta pelos professores Admilson Eustáquio Prates, Alex Lara Martins, Caio Bruno Wetterich, Edson Antunes Quaresma, Rosiney Rocha Almeida, Ramony Maria da Silva, Roberta Pereira Matos, e pelos discentes Jacqueline de Moura Ferreira e Luiz Henrique Silva Nascimento.

O trabalho editorial de uma revista acadêmica possui inúmeros desafios, alguns dos quais só podem ser superados conjuntamente, colaborativamente. A representação científica que



Apresentação: O Frankenstein dos Institutos Federais
(ou os sentidos da integração)

desenhamos é muito diferente da imagem de um naufrago solitário. *Um recital é um conjunto de peças poéticas, poesias declamadas, concerto musical de vozes e instrumentos, em regime escolar, de aprendizado por estímulo, tentativa e sucesso. Esse é também o espírito desta revista: estimular a produção acadêmica e científica, sem jamais perder a ternura.*

Alex Lara Martins

Editor da Revista Recital

Presidente da Comissão de produção acadêmica e intelectual do ProfEPT (IFNMG)

Pirapora, maio de 2022